

## COMUNICAÇÃO NA ESCOLA: DOS QUADROS-DE-GIZ AOS MÍDIA ELETRÔNICOS \*

Nilson José MACHADO \*\*

---

**RESUMO:** O autor analisa certas prospecções sobre o papel que os mídia eletrônicos deveriam desempenhar na comunicação pedagógica, difundidas no início da década de 70, e que hoje podem ser classificadas como mal-entendidos ou hipertrofias. Chama a atenção para o fato de que expectativas similares podem estar ocorrendo atualmente com relação à questão da utilização da informática com finalidades educacionais. Ao mesmo tempo, procura caracterizar o cerne da comunicação pedagógica, situando-o em um efetivo engajamento que transcende as dimensões lúdica ou afetiva e vinculando-o fortemente à existência de um projeto social coletivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Comunicação. Escola. Educação. Mídia eletrônicos. Informática.*

---

Um dos artificios mais freqüentemente utilizados em todas as épocas para a condução de uma discussão mantendo-se, no entanto, uma aparência de necessidade lógica das conclusões é o de aportar em questões supostamente dicotômicas envolvendo antinomias aparentes onde conotações históricas praticamente definem a escolha a ser operada.

Tal é o caso, por exemplo, das contraposições entre o Estático e o Dinâmico, entre o Antigo e o Moderno, entre outras.

Há uma espécie de fascínio natural pelo Dinâmico, assim como pelo Moderno, que obscurece o significado das relações entre os elementos de pares como os citados e conduz a opções fáceis e muitas vezes irrelevantes para o que se discute.

Parafraseando Fernando Pessoa,

“Nunca conheci quem tivesse sido Estático ou Antigo.

---

\*\* Professor Assistente do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

\* Este texto foi apresentado em uma mesa redonda no 10º Congresso da INTERCOM realizado na PUCAM em setembro de 1987.

Todos os meus conhecidos têm sido Dinâmicos e Modernos em tudo.”

O próprio título do presente trabalho pode sugerir uma evolução dos quadros-de-giz até os mídia eletrônicos, como se se contrapusesse um perfeito símbolo de obsolescência com o que há de mais característico na Educação Moderna, como se o significado desse percurso do giz aos mídia fosse o de uma ascensão em termos educacionais da idade da pedra ao paraíso tecnológico.

Na verdade, entre nós, após uma discussão entusiasmada sobre a utilização dos meios de comunicação de massa com finalidades educacionais, sobretudo no início da década de 70, houve uma acentuada diminuição no interesse por tais recursos. Tal refluxo deveu-se em parte a limitações financeiras mas também e talvez mais fundamentalmente a uma crítica mais apurada das expectativas iniciais.

De fato, muitas foram as prospecções sobre as inovações tecnológicas que na prática não se confirmaram. Muitos profetas insígnies, como por exemplo Marshall MacLuhan, no final da década de 60, anteviram alterações profundas no sistema educacional em função dos mídia eletrônicos que até hoje não se concretizaram e que nada indica que venham a realizar-se a curto prazo.

Tais prospecções foram amplamente difundidas e amplificadas entre nós por meio de textos como

“Mutações em Educação segundo MacLuhan”

(Lauro de Oliveira Lima — Editora Vozes — Rio de Janeiro — 1971)

O fascínio pelo Moderno era aí tão acentuado que deixava a sensação, após a leitura de que quem não entrasse na corrida pelas inovações tecnológicas em pouco tempo seria reduzido a objeto de museu ou a material de estudo para arqueólogos e paleontólogos.

Relacionemos algumas das prospecções contidas no texto acima citado, com o intuito exclusivo de alerta para novos encantamentos indevidos, dos quais falaremos a seguir.

- “Não se justifica, diante dos meios de comunicação de massa, que um professor fale para 50 alunos quando poderia fazê-lo para 50 milhões pela televisão, via satélite” (p.16)
- “Os meios de comunicação de massa falam para milhões sem os percalços da possível incompetência do professor” (p.16)
- “A palavra do professor e o livro didático são processos paleontológicos diante da explosão da informação através dos meios de comunicação de massa” (p.10)

- . "O mais grave do sistema escolar atual é, sem dúvida, a falta de comunicação mesmo porque os alunos vêem no professor tradicional uma caricatura dos modernos instrumentos de comunicação de massa" (p.6)
- . "São profundamente simplórias e até ridículas as atuais reflexões sobre programas e currículos. Educar já não é prever as necessidades sociais mas preparar os jovens para o imprevisível... o que minimiza a idéia de currículos e programas, trocando-se a ênfase sobre os conteúdos por uma ênfase sobre as técnicas" (p.18)
- . "A escola do futuro não terá currículos e programas, instrumentos que têm sido usados pela gerontocracia (Conselhos de Educação, por exemplo) para evitar a explosão do conhecimento segundo as possibilidades de imaginação dos jovens" (p.28)
- . "Bem antes de 1989, toda espécie de equipamento será posta à disposição do ensino, provocando um clima de troca entre as matérias comumente ensinadas:" (MacLuhan, citado à p. 39)
- . "Uma rede mundial de ordenadores tornará acessível em alguns minutos qualquer tipo de informação aos estudantes do mundo inteiro." (MacLuhan, citado à p.45)
- . "A atual distinção entre escola pública e escola privada tornar-se-á arcaica mesmo porque só agora começa-se a perceber que ambas do ponto de vista da família são privadas e ambas são públicas do ponto de vista da heterogeneidade classista da população matriculada." (p.54)

Apesar de hoje, menos de 20 anos depois, parecer clara a intempestividade da maior parte de afirmações como as citadas, novas maravilhas tecnológicas renovam as esperanças de soluções extraordinárias para os problemas educacionais. São dessa estirpe grande parte das expectativas relacionadas atualmente com a utilização de computadores em Educação, em decorrência de uma crescente e provavelmente inexorável informatização da sociedade como um todo.

Com a informática no centro das atenções, nova corrida ameaça instaurar-se, propagando-se como se fosse certo que as opções para o educador resumem-se a aderir ao paraíso tecnológico ou então ser classificado como ultrapassado ou resistente a mudanças.

Pretende-se que os computadores alterarão substancialmente nosso próprio modo de pensar, que eles logo se tornarão máquinas inteligentes, que a superação de certas limitações impossíveis de serem negadas é apenas uma questão de tempo.

Quanto à utilização dos computadores com finalidades educacionais, novos profetas surgem anunciando enfaticamente, como fizera MacLuhan, resultados e expectativas igualmente mirabolantes.

Seria razoável agora sermos mais otimistas do que há 20 anos? Seria possível alegar que as previsões dos apologistas dos meios de comunicação de massa como instrumentos educacionais são essencialmente corretas, tendo falhado apenas no que se refere a afoitas fixações de prazos? Ou haveria, alguma inconsistência fundamental nas expectativas anunciadas que os anos que desde então decorreram revelaram de modo claro e que devem servir de base para uma reflexão sobre as novas apologias?

O confronto com a realidade educacional parece indicar que a segunda hipótese é mais plausível. De fato, observamos que mesmo em países desenvolvidos, a despeito das disponibilidades econômicas e tecnológicas, as sucessivas reformas educacionais parecem oscilar entre o elogio das inovações e o retorno ao tratamento convencional das questões básicas relativas à Educação, como a indicar que o cerne de tais questões não está sendo atingido. Quando as atenções se centram nas técnicas de comunicação em detrimento dos conteúdos, quando os objetivos a serem perseguidos são suficientemente vagos para serem caracterizados como uma "preparação para o imprevisível", nenhuma alteração radical pode ser esperada.

Efetivamente, a Educação não se resume à combinação pretendida por MacLuhan de uma atitude inquiridora, uma liberação na criatividade e um conveniente acervo de informações. Outros ingredientes fundamentais devem ser acrescentados, como os determinantes sociais dos objetivos educacionais, que deveriam amalgamar-se com as motivações mais íntimas dos indivíduos. Há, além disso, a necessidade da explicitação da função dos conteúdos enquanto veículos para a perseguição dos objetivos fixados, e também a complexa mas essencial e inevitável questão dos valores.

Mesmo quando nos limitamos a considerações sobre a comunicação pedagógica a análise efetuada pelos profetas das mutações para fundamentar suas expectativas não parece esbanjar solidez. A propósito da relação professor-aluno nas séries iniciais da escolarização, afirmou-se, por exemplo:

"As crianças e os jovens tradicionalmente desenvolvem sua 'embriologia mental' em contato com mulheres (que não entraram ainda no processo de construção civilizatória), com babás (que representam a escória humana do processo civilizatório) e com velhos avós (que perderam o contato com os problemas do presente e se desligaram da problemática histórica). É quase um milagre que cada geração nova consiga

avangar um passo na civilização ficando as crianças condicionadas em seu desenvolvimento pelo que a humanidade tem de menos estimulante e criativo do ponto de vista da construção de novos padrões culturais." (p.48)

Naturalmente, a tais considerações poder-se-ia contrapor que uma componente fundamental da comunicação pedagógica, especialmente importante nas séries iniciais, é de natureza afetiva, exigindo do docente uma dedicação especial, muita doação, muito amor. Talvez por essa via se possa compreender mais facilmente o papel desempenhado pelas mulheres na educação de crianças de tenra idade. Talvez ainda, a partir disso, se possa ver com mais clareza por que os mídia eletrônicos por mais sofisticados que pareçam, nunca serão suficientes para desempenhar sozinhos funções docentes.

Entretanto, ainda que consideremos essa componente efetiva essencial, parece claro que ela não é suficiente para esclarecer a questão da comunicação pedagógica, para caracterizá-la. Para essa caracterização, o elemento nuclear, sem dúvida, é um efetivo engajamento que transcende a dimensão afetiva e que não se esgota nos apelos lúdicos do processo pedagógico. É necessário mais do que tudo isso: é imprescindível que um tal engajamento decorra da existência de um projeto coletivo onde cada indivíduo reconheça a relevância e assuma espontaneamente o seu papel.

Cada vez que uma sociedade ocorram transformações radicais, conduzindo à explicitação ou mesmo resultando de um projeto desse tipo, a Educação revela sua verdadeira força e desempenha um papel fundamental na construção da nova ordem. Historicamente isso tem sido demonstrado repetidas vezes em diferentes momentos e distintos países. Em situações como as descritas, os meios de comunicação de massa são sempre utilizados eficazmente e revelam claramente seu caráter de instrumento: sem o projeto a que servem, sua função educativa é restrita ou inexistente.

Tudo isso parece indicar que o cerne da questão pedagógica, em países desenvolvidos ou não, não se encontra nos processos de comunicação, nos materiais instrucionais ou mesmo no eventual despreparo de grande parcela do corpo docente mas sim na ausência de um projeto coletivo com características mobilizadoras, que possa munir de sentido as ações individuais, propiciando um efetivo engajamento.

Na construção de um tal projeto residem simultaneamente a força e os perigos da questão educacional. Totalitarismos de diferentes matizes são usualmente pródigos no oferecimento de projetos coletivos conduzindo a um engajamento que sobreleva as funções da Educação, garantindo-lhe grande destaque. Também as religiões articuladas ou não com a componente política, servem freqüentemente de

veículo para engajamentos em projetos amplos, capazes de mobilizar multidões.

Projetos como os totalitários ou de cunho religioso costumam ser, no entanto, estreitos demais, eliminando o significado das aspirações individuais ou forçando sua confluência para as determinações do Estado ou de uma divindade, o que acaba não sendo muito diferente.

Um verdadeiro projeto coletivo com características educacionais deverá saber levar em conta tanto as aspirações individuais quanto os interesses coletivos, economicamente situados e historicamente determinados.

Uma satisfatória solução de compromisso entre tais aspectos não parece haver sido conseguida em lugar algum do mundo. É aí que as buscas devem se concentrar para um equacionamento adequado dos problemas educacionais que afligem todos os países do mundo, desenvolvidos ou não.

Aliás, é justamente nos países desenvolvidos que a ausência de um projeto coletivo mais se faz sentir; nos outros, na inexistência de outro, copiar os países desenvolvidos costuma constituir-se em um simulacro de projeto...

Muito mais do que verbas extraordinárias ou de fascinantes inovações tecnológicas, é da busca de um sentido que a Educação efetivamente tem demonstrado carecer.

---

**SUMMARY:** The analyses certain forecasts made with respect to the role electronic media should perform in pedagogical communication, wide-spread in the beginning of the seventies and which today may be considered as misunderstood or overreaching. Calls attention to the fact that similar expectations may be happening now with relation to the question of the use of educational oriented microelectronics. At the same time, he tries to characterize the core of pedagogical communication, placing it in the effective commitment which transcends the playful or affective dimensions and linking it to the existence of collective social project.

**KEY-WORDS:** Communication. School. Education. Electronic media. Microelectronics.

---

(Recebido em 25-03-88 e  
liberado para publicação em 27-05-88)